

SOBRE O CALAR E O FALAR, OU UMA SAÍDA PARA A ANGÚSTIA

Autor: Wellington Eustáquio Ribeiro

Psicólogo Graduado pela PUC Minas; Aluno do Curso de Psicanálise do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais; Coordenador Municipal de Saúde Mental – Contagem / MG

E-mail: wribeiropsi@gmail.com

Endereço: Rua Monsenhor Teles, 298 – Alvorada – Contagem – 32041-580

Contato: 9611-1630

Resumo:

O artigo propõe, através de um fragmento de caso, uma breve jornada pelos caminhos trilhados por jovens analistas, as angústias, os desamparos e o encontro com os sintomas. O autor discute se há uma dicotomia entre o falar e o calar a partir de uma perspectiva psicanalítica.

Palavras-chave: angústia, desamparo, sintoma, falar, calar

ABOUT SHUT UP AND TALK, OR NA OUTLET FOR THE ANGUISH

Abstract:

The article proposes, by a fragment of the case, a brief journey through the paths taken by young analysts, the anguish, the helplessness and the meeting with the symptoms. The author discusses whether there is a dichotomy between speaking and silence from a psychoanalytic perspective

Keywords: anguish, helpless, symptom, talking, silence

Sobre o calar e o falar, ou uma saída para a angústia¹

Wellington Eustáquio Ribeiro

A mulher entra no consultório, desacompanhada, e atende a solicitação do jovem estagiário do serviço de saúde mental, que lhe pede para sentar-se. Ela tem, aproximadamente, 60 anos, a pele queimada e ressecada pelo sol dá a impressão de um pouco mais, extremamente magra, é possível vislumbrar detalhadamente todos os ossos daquela mão frágil, não tem mais que um metro e meio de altura, e, apesar de não erguer o rosto, é possível notar o sofrimento em sua face. O silêncio que se segue a essa breve introdução não durou mais do que dois ou três minutos, mas pareceu interminável, infinito. Diante da angústia daquela situação, o estagiário rompe o silêncio, o seu silêncio, mas não há um alívio. A presença daquele outro que não responde às perguntas e que não se mostra faz aparecer o furo que causa o jovem estagiário. Esse breve relato confirma que aquilo que nos causa não é o que nos preenche, mas o que nos falta.

O que ocorreu naquele breve instante de silêncio? Não era a primeira vez que uma situação dessas ocorria com o estagiário, em outras ocasiões, houve períodos muito mais longos em que o sujeito não pronunciara um ruído sequer e, nem por isso, havia ocorrido uma sensação de angústia tão pungente. O que teria acontecido naquela situação em especial? Situação que permaneceu por cerca de um mês (dois atendimentos por semana), quando a mulher pronunciou sua primeira frase: "Você sabe como é que a gente faz para morrer?"

Após o ocorrido, surgiram diversas questões, algumas levantadas durante a supervisão do estágio, outras durante as sessões de análise, mas quase todas perpassavam pelo modo com que se deu o encontro com essa mulher e o que havia de distinto naquele silêncio. Durante um longo tempo, essas questões rondaram a minha mente, talvez ainda rondem, mas a angústia emergente ali me colocou frente a frente com aquilo que sempre me intrigou na psicanálise, o falar e o calar.

Enquanto estudante de graduação em Psicologia, eu sempre me questioneei sobre a eficácia da psicanálise e sobre a sua prática. Não havia da minha parte o mesmo entusiasmo pela psicanálise como aquele encontrado nos meus colegas de turma e de estágio, apesar de minhas escolhas sempre estarem diretamente ligadas à psicanálise — a analista, os estágios, a monografia... Mesmo questionando sua eficácia, eu me calava sobre minhas dúvidas e falava sobre um mundo que parecia se descortinar diante dos meus olhos. A psicanálise me fascinava, mas ao mesmo tempo me causava uma angústia inexplicável. Essa dificuldade de explicação é descrita por Pacheco (2006), que nos oferece a seguinte proposta:

¹Freud aponta as dificuldades de explicação do fenômeno da angústia, denunciando, na própria literatura psicanalítica, a propensão em se construir visões psicanalíticas do mundo

(*Weltanschauung*), uma vez que a necessidade de construir visões do mundo é própria dos seres humanos como um modo de se valerem de 'guias de viagem' para negar a angústia, para construir um modo de defesa contra a angústia. (...) Estratégias utilizadas pelo sujeito não sem razão, pois o ponto de partida da psicanálise é o de que a angústia é um afeto, e que o sujeito, ao ser afetado pela angústia, buscará se defender dela ao mesmo tempo em que pode servir-se dela como última barreira antes do encontro com o abandono do Outro, chamado por Freud de desamparo primordial, pois o que se sabe é que, além da angústia, esperança da intervenção do Outro, há o desamparo" (PACHECO, 2006, p. 71-72).

No encontro com aquela mulher, o "guia de viagem" vacilou. A estratégia que vinha sendo utilizada até então se deparou com o desamparo da mulher que não falava, mas, mais do que isso, houve ali o encontro com algo do significante do sujeito que não suportou a carga de afeto contida naquela situação de fragilidade. A fragilidade observada na mulher fez menção à fragilidade do jovem estagiário que se propunha a enveredar-se pelos caminhos da psicanálise.

Esse fragmento em que dois casos se misturam, o da mulher que não falava e o do jovem estagiário, aponta para a dificuldade de falar da saída de análise por parte daquele que ainda não tem ideia de como isso se dá. Todavia, sirvo-me do significante calar para elaborar essa breve reflexão. Não é tarefa fácil falar do fim de uma trajetória quando se está no início desta (fácil é se calar?). Mesmo que estejamos amparados pelos relatos daqueles que fizeram a sua trajetória e se apresentaram (ou não) ao cartel do passe, resta ainda um enigma, uma questão... O analista é o produto de um final de análise, assim como nos diz Lacan, em sua "Proposição de 9 de outubro de 1967"?

"Nessa reviravolta em que o sujeito vê soçobrar a segurança que extraía da fantasia em que se constitui, para cada um, sua janela para o real, o que se percebe é que a apreensão do desejo não é outra senão a de um des-ser. Nesse des-ser desvela-se o inessencial do sujeito suposto saber, donde o futuro psicanalista entrega-se ao (agalma) da essência do desejo, disposto a pagar por isso ele em se reduzindo, ele e seu nome, ao significante qualquer. Pois ele rejeitou o ser que não sabia a causa de sua fantasia no exato momento em que, finalmente, esse saber suposto, ele passa a sê-lo" (LACAN, 2003, p.259).

A essência do desejo. É essa essência enigmática que nos move em busca de um final? Esperamos um encontro com a felicidade? Esperamos o encontro com um saber sobre nós mesmos? Cada um apresenta o que seria a essência do seu desejo. Os testemunhos de passe nos apresentam as singularidades das construções dos AEs e suas saídas, cada um com sua peculiaridade, o que se apresenta sempre como comum a todos os testemunhos é a presença da fala. No princípio, era o Verbo, ou no princípio era o silêncio sobre o sintoma? Até o encontro com o analista, o que fazemos é nos calar sobre o sintoma, mesmo que ele insista em nos expor. É o que nos diz Philippe Lacadée, "(...) é isso que há de único em cada caso: não saber o que dizer, pois é de não saber dizer que o sujeito encontrará o que dele está em suspensão, ou seja, essa parte do ser que é uma verdade em suspensão e da qual se goza no silêncio da pulsão de morte" (2008, p.79). A partir do encontro com o analista, colocamos a fala em evidência, fala esta que

pode não fazer sentido até o encontro com o sentido do sintoma, daí em diante, damos voz àquilo que falava no corpo. Clarice Lispector dizia que "só posso alcançar a despersonalidade da mudez se eu antes tiver construído toda uma voz" (1997, p.95). Se buscamos a mudez, então, por que falar? Essa é a pergunta cuja resposta busco.

Eric Laurent oferece uma resposta apaziguadora para quem se depara ainda com o impasse maniqueísta entre o calar/falar, segundo ele,

"(...) sabemos por experiência que cada um de nós fala para no final encontrar a paz de calar-se. Se há que fazer esforços para falar é para, no final, podermos chegar em um ponto no qual o que há não são palavras, senão uma resposta, que para os neuróticos é a resposta do gozo"² (LAURENT, 1989, p.18).

Até o momento, mesmo com várias questões em suspenso, a resposta que me faz falar do sintoma é a de que há uma saída possível, ou um destino possível, para a angústia, e que essa saída/destino não é garantia de felicidade, mas há uma paz que a torna menos pungente.

Referências bibliográficas:

LACAN, Jacques. "Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola", In: _____. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p.248-264.

LAURENT, Eric. **Estabilizaciones en las psicosis**. Buenos Aires: Ediciones Manantial S.R.L., 1989.

LACADÉE, Philippe. "O que há de único em cada sujeito", **Opção Lacaniana** – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo: Edições Eólia, n.51, 2008, p.77-82.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo GH**. Edição Crítica. São Paulo: Scipione, 1997.

PACHECO, Lilany Vieira. "Destinos da angústia": sobre guias de viagem, **Curinga 22** - Os destinos da angústia, Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas, n.22, jun. 2006, p. 71-77.

¹ Texto apresentado como trabalho de conclusão do módulo IV da turma 10 do Curso de Psicanálise do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais. Módulo encerrado em julho/2009. Texto enviado em 23 de fevereiro de 2010.

² Tradução livre. No original: "(...) sabemos por experiência que cada uno de nosotros habla para al final encontrar la paz de callarse. Si hay que hacer esfuerzos para hablar es para, al final, podernos ubicar en un punto en el cual lo que hay no son palabras, sino una respuesta, que para los neuróticos es la respuesta del goce" (LAURENT, 1989, p.18).